

volume

19

Dezembro/2013

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



O TEATRO COMO PALCO DE LUTA OPERÁRIA: ANÁLISE DO DIÁLOGO *PALAVRAS SIMPLES*, DE SANTOS

Cássia Ferreira Miranda¹

Resumo: O presente artigo analisa o texto *Palavras Simples*, diálogo escrito pelo operário Santos Barbosa e publicado na Coluna Operária do jornal pelotense *O Rebate*, em 1915. Santos Barbosa teve intensa participação no cenário operário, militando ativamente nas associações, realizando viagens para mobilizar os trabalhadores e atuando como conferencista e dramaturgo do Grupo Teatral Cultura Social, sediado na Liga Operária de Pelotas, escrevendo vários textos para serem utilizados nos festivais operários. O diálogo *Palavras Simples* trata da conversa entre dois trabalhadores a respeito das associações operárias, em especial a Liga Operária de Pelotas, trazendo temas como organização de classe, política, leis, anarquismo, trabalho e revolução social. Todas essas temáticas eram bastante discutidas naquele momento e fazem parte da história da luta pela conquista de direitos por parte dos trabalhadores. Para a realização desta análise serão utilizadas bibliografias referentes àquele momento histórico, bem como informações sobre a movimentação operária, obtidas através de pesquisas feitas em periódicos locais.

Palavras-chave: Teatro, Dramaturgia, Trabalhadores, Anarquismo

No presente artigo analiso o diálogo dramático *Palavras Simples* publicado no periódico pelotense *O Rebate*, em 12 de novembro de 1915, a fim de evidenciar que o proletariado, deste período, via a arte como um manancial de possibilidades para a propagação de suas ideias.

Se autodenominando órgão independente, o jornal *O Rebate* dirigido por Frediano Trebbi frequentemente publicava notícias direcionadas ao proletariado, mantendo, na maioria de seus exemplares, uma seção fixa intitulada Coluna Operária. Esta coluna contava com a participação de diversos operários que enviavam textos de sua autoria trazendo reflexões e críticas. Dentre os operários que colaboravam com o jornal, destaco o pintor Santos Barbosa, autor do texto *Palavras Simples* que traz diversos questionamentos que permitem compreender parte da situação vivenciada pelos operários do início da década de 1910. Além disso, a bibliografia referente ao tema bem como a reflexão sobre a coleção do jornal *O Rebate*, presente no acervo da Biblioteca Pública de Pelotas, auxiliaram na composição dos argumentos aqui expostos acerca dos trabalhadores no início do século XX.

¹Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestranda em Teatro. Bolsista CAPES. E-mail: miranda_cassia@yahoo.com.br

O operariado no início do século XX, no Brasil, era composto, em grande parte, por imigrantes que para cá vieram na busca de melhores condições de vida: “O Brasil foi um dos países receptores dos milhões de europeus e asiáticos que vieram para as Américas em busca de oportunidade de trabalho e ascensão social” (FAUSTO, 2008, p. 275).

Contudo, as condições a que eram submetidos estavam muito distantes do que eles esperavam, e esses imigrantes ficavam à margem de uma sociedade que explorava sua mão-de-obra e os relegava a condições desumanas. Paoli expõe, com riqueza, a exploração a que eram submetidos esses novos integrantes da realidade brasileira:

Coisas como as extensas jornadas de trabalho, as reduções salariais por falhas de produção, a expropriação do trabalho já pago na forma de multas e punições por atrasos, a violência no controle fabril, a arbitrariedade dos chefes, a intensificação do ritmo de trabalho, a insalubridade dos espaços de trabalho, a sujeira, o ruído e a precariedade da segurança no processo de trabalho, a manipulação dos estigmas de sexo, cor, origem étnica e idade, o tempo vigiado (PAOLI, s/d, p. 61).

Todas essas adversidades faziam dos proletários reféns dos patrões, proprietários de terras, manufaturas e indústrias. Para tentar amenizar sua precária situação de trabalho, os operários iniciaram um processo de organização, criando associações mutualistas, sindicatos, associações de classe, uniões, federações e confederações, culminando na criação da Confederação Operária Brasileira. E, como afirma Segatto (1987, p. 35): “Os trabalhadores começaram a se organizar para tentar reverter as duras e difíceis condições de vida e de trabalho a que estavam submetidos. As associações mutualistas e de socorro mútuo foram as primeiras formas de organização da classe e surgiram na primeira metade do século XIX”.

Toda essa estrutura que se formou permitiu que o movimento extrapolasse as reivindicações econômicas e se moldasse também para a instrução e aperfeiçoamento do corpo de trabalhadores.

O estado do Rio Grande do Sul acompanhou a movimentação proletária nacional participando através de trabalhadores, que atuavam como delegados na representação do Estado e de algumas cidades gaúchas, em eventos nacionais que ocorriam, principalmente, no Rio de Janeiro. A relevância da ação desses trabalhadores no movimento nacional confirma-se nas palavras de Petersen e Schmidt (2004, p. 218):

Embora Rio de Janeiro e São Paulo tenham sido os centros hegemônicos do movimento operário brasileiro, a importância do Rio Grande do Sul não foi menor e suas associações e militantes mantiveram muitos contatos com os

companheiros do centro do país, participando, às vezes de modo fundamental, para a definição dos rumos da luta operária nacional.

Neste sentido, a cidade gaúcha de Pelotas teve um papel muito significativo no cenário operário nacional. Durante a década de 1910, vários trabalhadores envolvidos nacionalmente na propagação do anarquismo² estiveram e militaram na cidade. Este fato proporcionou uma oportunidade de troca com outros municípios, na medida em que operários vinham militar em Pelotas e, ao irem para outras cidades, divulgavam os trabalhos locais: jornais, peças, conferências, entre outros. O jornal *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, editado na cidade do Rio de Janeiro, frequentemente dava espaço às notícias de Pelotas, inclusive mantendo, por um tempo, uma coluna intitulada Pelotenses... Era vasta a articulação libertária no período.

A associação que, seguidamente, aparecia em notícias publicadas nos jornais operários durante o período, nesta cidade, era a Liga Operária de Pelotas, criada em 1889, com a denominação de Congresso Operário, em 1890 teve seus estatutos modificados passando a se chamar Liga Operária de Pelotas. No momento de sua criação, a Liga era uma entidade patronal, já na década de 1910, na qual foi escrito o diálogo, a diretoria da entidade era composta por membros que tinham como objetivo a busca pelo ideal libertário.

Durante o período em que a diretoria da Liga teve uma orientação anarquista, houve momentos de muita troca e crescimento através dos encontros realizados pelos operários com o intuito de conagração, aprendizado e articulação da militância. Os encontros operários ocorriam, geralmente, nos finais de semana à noite. Manifestações de variados gêneros artísticos como canções, dramatizações e poemas, além de conferências e o

²“O termo anarquismo, ao qual frequentemente é associado o de ‘anarquia’ tem uma origem precisa do grego *αναρχία*, sem Governo: através deste vocábulo se indicou sempre uma sociedade, livre de todo o domínio autoritário, na qual o homem se afirmaria apenas através da própria ação exercida livremente num contexto sócio-político em que todos deverão ser livres. Anarquismo significou, portanto, a libertação de todo o poder superior, fosse ele de ordem ideológica (religião, doutrinas, políticas, etc.), fosse de ordem política (estrutura administrativa hierarquizada), de ordem econômica (propriedade dos meios de produção), de ordem social (integração numa classe ou num grupo determinado), ou até de ordem jurídica (a lei). A estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade. Daí provém o rótulo de libertarismo, atribuído ao movimento, e de libertário, empregado para designar o que adere ao libertarismo.” (BRAVO, 1998, p. 23).

baile, eram elementos que se repetiam nessas noites e instruíam ludicamente as famílias operárias. Por vezes havia também esquetes didáticas, de no máximo dois atores, que se encaixavam antes ou depois de uma das conferências.

Nesses momentos, o proletariado tinha a oportunidade de discutir seus problemas, buscar uma maior instrução e sociabilidade. Como, durante a década de 1910, a Liga Operária de Pelotas tinha como linha de frente a luta pelo anarquismo; logo, as suas atividades políticas e artísticas giravam ao redor dessa temática e do que impedia a plena realização do ser humano, e a consequente exploração capitalista.

Além desses eventos regulares existiam também encontros alusivos a datas específicas, importantes no meio operário, para as quais eram preparadas programações especiais: “Era hábito comemorar o 1º de Maio, o 14 de Julho (derrubada da Bastilha), e o 13 de Outubro (fuzilamento de Ferrer) com espetáculos teatrais.” (RODRIGUES, 1988, p.173)

Edgar Rodrigues (1992a, p.9), em seu livro *Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*, comentando a respeito dos imigrantes que atuaram no Brasil, destaca que estes operários que se envolveram com a cultura eram “trabalhadores humildes [que] movimentaram a pena com brilho, fizeram-se jornalistas, escritores, conferencistas, professores, teatrólogos, poetas revolucionários, idealistas dispostos a transformar a sociedade de exploradores e explorados, numa comunidade de irmãos, de iguais.” O autor fala no contexto brasileiro, logo, os operários que estavam na linha de frente do movimento em Pelotas, lutando contra todas as formas de repressão, militando ativamente, se enquadram nesta descrição.

Enquanto jornalistas, eles desenvolveram uma imprensa libertária que ganhou força no início do século XX, no entanto, muitos operários ainda não eram alfabetizados, pois desde cedo tiveram que trocar a escola pelo trabalho nas fábricas e oficinas. O teatro foi um agente pedagógico fundamental junto ao corpo do operariado em diferentes regiões do Brasil. Com a utilização da encenação era possível contornar a problemática da não alfabetização, passar conteúdos ideológicos e, ao mesmo tempo, proporcionar momentos de sociabilidade entre os trabalhadores. “O teatro anarquista no Brasil, ao longo de sua existência, de quase meio século, realizou uma excelente obra de alcance ideológico que pôs em prática o sentimento de solidariedade humana.” (RODRIGUES, 1992a, p.57).

Através do teatro era possível atingir crianças, adolescentes, mulheres e homens que, frequentando os eventos operários, se divertiam e iam formando sua consciência de classe. Edgar Rodrigues (1988, p. 174) destaca que: “É lícito

dizer que um dos grandes méritos do movimento anarquista - sempre ativo nos campos de trabalho, da ciência, da cultura, da solidariedade humana a níveis nacional e internacional - foi sem dúvida o teatro social.” Tendo um alcance bastante significativo, dentre os principais objetivos do teatro operário se destaca a divulgação dos ideais anarquistas numa linguagem acessível a um público semialfabetizado, ou mesmo analfabeto, estimulando o combate ao Estado, e o desenvolvimento cultural e educacional do operariado. Assim:

Compreender que estas práticas teatrais como didáticas, significa, portanto, dizer que elas tinham por objetivo estimular ou modificar comportamentos e valores de seu público potencial, para formar a classe trabalhadora, reforçando comportamentos e valores julgados como positivos, bem como mostrar o que deveria ser repudiado por seu público potencial. Nisso reside o caráter didático destas práticas teatrais e do texto dramático selecionado para colocar no palco de seu teatro. (COLLAÇO, 2008, p.5).

A realização dos espetáculos teatrais, pelas entidades operárias, servia também para angariar recursos para auxiliar a manutenção de periódicos, escolas e para apoiar operários necessitados. Essas práticas teatrais fazem parte de uma tendência de luta operária em todo país e “começou timidamente com críticas aos poderosos e ao clero. Seus artistas - todos amadores - depois da jornada de trabalho e, nos finais de semana, reuniam-se para ler, comentar e ensaiar dramas e comédias de fundo e forma sociais” (RODRIGUES, 1995, p. 279). Embora tenha tido um início tímido, conforme afirma Edgar Rodrigues, o teatro social conquistou os operários e se tornou uma das “armas” mais poderosas da militância anarquista.

Sob essa orientação libertária, a Liga, foi palco de diversos grupos que serviam para instruir e organizar o operário de Pelotas, dentre eles destaco o Grupo Teatral Cultura Social (G.T.C.S.) criado em 1914 - e atuante até o ano de 1919 - que teve significativa projeção exercendo suas atividades no Teatro 1º de Maio, sediado na Liga Operária de Pelotas. Na trajetória do G.T.C.S., saliento a atuação de Joaquim Santos Barboza, Zenon de Almeida e Carlos Simões Dias, operários que tiveram intensa participação no cenário da cidade e significativa articulação com o movimento operário anarquista do país. A autora Beatriz Loner (1999, 135-136) destaca a atuação anarquista na cidade dizendo que, com eles, “desenvolveu-se em Pelotas a elaboração de peças e quadros teatrais, com autores como Santos Barbosa, Zenon de Almeida e Carlos Simões Dias, indicando o momento privilegiado por que passava o pensamento anarquista na cidade”.

Os três trabalhadores se engajaram no G.T.C.S., não só no momento de sua criação mas, também, nos anos que sucederam, escrevendo textos de

teatro social³, realizando cursos e conferências, além de representarem a Liga Operária de Pelotas em outras cidades. Além disso, Zenon de Almeida e Santos Barbosa estiveram envolvidos na criação do Grupo Dramático Cultura Social, no Rio de Janeiro. Em notícia publicada no jornal *A Voz do Trabalhador*, no dia 01 de setembro de 1913, há a afirmação de que o Grupo carioca será criado “com o fim de difundir por meio de representações teatrais, os ideais avançados”.

Santos Barbosa era pintor, anarquista e militou intensamente como escritor, sendo de sua autoria poemas, contos, crônicas e peças de teatro. Além disso, foi diretor, ator, professor e conferencista. Seguidamente exercia parceria com os companheiros libertários, como os acima citados, Zenon de Almeida e Carlos Simões Dias, em suas criações teatrais.

O diálogo *Palavras Simples*, objeto deste artigo, faz parte dessa produção voltada para o engajamento libertário do operário. Integrando a Coluna Operária do jornal *O Rebate*, então assinada por Santos Barbosa, o texto é sinalizado em seu subtítulo como sendo *Um diálogo*; logo, uma troca verbal entre personagens, ou seja, um texto dramático. Devido a este formato, ele se torna muito adequado para ser utilizado na instrução do operariado, visto que “o diálogo parece ser o meio mais apto para mostrar como se comunicam os locutores: o efeito de realidade é então muito mais forte, porquanto o espectador tem a sensação de assistir a uma forma familiar de comunicação entre pessoas” (PAVIS, 2008, p. 93).

Em *Palavras Simples*, não há indicação do local específico que ambienta a cena onde a conversa ocorre, exceto por uma fala em que se percebe que a cidade que a ambienta é o Rio de Janeiro. Nesta cidade, dois operários se encontram. Um deles trabalhou em Pelotas e está agora no Rio de Janeiro e o outro parece ser desta última. O conteúdo oferecido não permite mais detalhes sobre aspectos físicos que caracterizem eles. O interlocutor⁴, aquele que questiona, se apresenta de forma firme inquirindo o operário que se mostra desinformado com relação à organização operária. Este, o desinformado, se declara carpinteiro, e relata que trabalhou em Pelotas durante o período de um ano e meio; ele faz o papel do operário “alienado”, que

³Forma como era mencionado nos jornais operários o tipo de teatro feito pelos anarquistas. Assim, o teatro social era visto como a produção teatral direcionada às lutas sociais.

⁴A escolha deste termo para designar esta personagem foi feita por mim. No texto não há um nome ou uma forma direta de referência à pessoa do interlocutor. Da mesma forma procedi com a personagem do carpinteiro, a fim de facilitar o entendimento da obra.

precisa ser educado para entender qual é a sua função na sociedade e na luta operária. Durante o diálogo se percebe a falta de engajamento do carpinteiro que não dá a devida atenção aos manifestos que tem recebido de seus colegas de profissão e nem se preocupa em acompanhar de perto as atividades operárias. O interlocutor insiste na importância de estar presente na Liga Operária de Pelotas, comenta aspectos ideológicos importantes para o operariado demonstrando uma tentativa de informar o carpinteiro e, por vezes, se mostra impaciente com o mesmo, pois este utiliza termos inadequados de acordo com a visão anarquista, o que mostra ainda mais o descaso dele com a luta.

Quando questionado sobre o Sindicato de Classes Varias – Liga Operária - o operário afirma não ter se associado a esta por não se tratar de uma sociedade especificamente de carpinteiros. Além disso, quando leu o manifesto a respeito da reunião de carpinteiros, que ocorreria na Liga Operária, se achava já representado através de alguns chefes que ele ouviu dizer que iriam do Rio de Janeiro e de Porto Alegre para Pelotas. Nesse momento ele é questionado pelo interlocutor: “Chefes? Como podia ser isso se nós combatemos toda a espécie de chefias? Havia apenas orientadores e orientar não é chefiar.” O interlocutor procura incutir ao carpinteiro a nova relação entre os diferentes agentes da luta social, fazer com que ele perceba que não existe patrão ou chefias entre trabalhadores libertários. Aponta para a diferença entre orientador e chefia, sendo o segundo, o que deve ser combatido pelos anarquistas, pois ele é um ser que abusa do poder e impede a verdadeira relação entre os trabalhadores. Diferente é o orientador que procura estimular o companheirismo e a solidariedade da classe trabalhadora.

A próxima lição diz respeito ao sentido do socialismo e do anarquismo para pertencer às entidades de classe, em específico, pertencer à Liga. A personagem do interlocutor afirma que o socialismo é tal qual um partido qualquer e que, por isso, nada de positivo tem a oferecer. Esse era um fator muito debatido, visto que efervesciam debates teóricos entre anarquistas e socialistas nos encontros e nos jornais do período. O caminho para o crescimento e libertação da classe trabalhadora estava na visão de mundo proposta pelos anarquistas. É uma lição simples, didática e direta.

Outro assunto debatido nesse diálogo é a participação dos trabalhadores na representação política estabelecida no país. Pelo anarquismo não concordar com um sistema político hierarquizado, o interlocutor defende que a participação de um proletário neste sistema, o induziria a uma má conduta. Na visão do interlocutor a política não é útil, na medida em que um representante operário no parlamento “corromper-se-á incontinentemente. Passará a

ser um deputado e nada mais. Nunca mais se lembrará de seus antigos companheiros.” Sendo assim, o sistema de administração da sociedade, vigente no período, era duramente criticado pelos libertários em todas as suas manifestações, assim como o socialismo, que neste caso, foi associado ao partidarismo que também é visto como algo que nada tem a oferecer às classes laboriosas.

Destaco também a argumentação, feita no diálogo, de que as leis são um produto das lutas sociais: “As próprias leis que vários parlamentos europeus tem votado em ‘nosso favor’, não foram senão o resultado de movimentos grevistas, insurreccionais. Presentemente sucede o mesmo aqui no Brasil”. Nesse momento, há um incentivo aos movimentos contestatórios, às greves e, conseqüentemente, à luta direta, visto que, de acordo com o texto, até as mudanças oriundas do parlamento podem ser creditadas à mobilização operária. Além disso, ao citar a situação política europeia, Santos Barbosa, neste momento, através da fala do interlocutor, se mostra atualizado da situação global operária e critica não só a esfera política nacional como a internacional.

Outra importante lição é apresentada quando o interlocutor defende a “grande revolução social” que só o anarquismo poderia levar à frente:

O Interlocutor – [O anarquismo] Quer que os trabalhadores conquistem pelas suas próprias mãos, aquilo a que tem direito e que lhes foi roubado pela classe rica. Orienta o operariado a fim de que este se emancipando dos preconceitos religiosos, sociais e patrióticos, e prepare ao lado de todos os homens de bem, a grande revolução social, que virá redimir a humanidade do princípio de autoridade e tantos outros males humanos, sociais, físicos e morais... se a atual guerra europeia não nos fizer retrogradar um século.

Há apenas uma referência à guerra europeia e, embora não sendo o foco do diálogo, pela forma como é colocada no argumento, ela é exposta como um possível retrocesso para as conquistas dos trabalhadores, e representa uma importante bandeira anarquista que é o antimilitarismo.

Para o final, o autor deixou um dos principais pontos discutidos pelos libertários: o trabalho. Neste momento, há a defesa de que todos devem contribuir na construção da sociedade, oferecendo sua mão-de-obra e consumindo apenas o que lhe é necessário. Demonstra a necessidade de modificar o meio para que o homem se transforme positivamente, para que a sociedade se liberte. Para isto, é necessário trabalho constante, não só fisicamente como intelectualmente:

Interlocutor - Quer o anarquista uma nova sociedade em que todos trabalhem na medida de suas forças e consumam segundo as suas necessidades. Quem não

trabalhar morrerá de fome e não como hoje que uns comem sem trabalhar e outros trabalham sem comer.

Carpinteiro - Mas é impossível, isso nunca poderia se realizar. O homem há de ser sempre o homem.

Interlocutor - O meio é que faz o indivíduo. Transformado aquele, estará transformado este.

Carpinteiro - E quando será isso?

Interlocutor - Quando? Hoje... amanhã... depois...

O diálogo final expõe a grande luta dos libertários: um mundo de igualdades, de respeito e liberdade. Um mundo utópico, pensa o operário carpinteiro sem dizer essa palavra. Um sonho atingível, pensa o Interlocutor, um sonho que um dia poderá se tornar realidade.

A conversa, sem início determinado, também não se encerra de forma direta, mas é interrompida, visto que os operários não se despedem nem indicam um afastamento. Há a projeção, feita pelo interlocutor, de um amanhã libertário que fica pairando no ar. Assim é finalizada a Coluna Operária, do dia 12 de novembro de 1915, escrita pelo também operário Santos Barbosa, publicada no jornal *O Rebate*.

Apesar do título do texto sugerir algo simples, ao analisar a intenção dessa conversa observo que vários pontos importantes foram abordados, visando a instrução do público-alvo - neste caso, o operariado. Santos Barbosa é mais um daqueles trabalhadores que se esforçavam para incentivar o operariado a se envolver nas atividades de seus sindicatos, contribuindo para o crescimento da causa operária. Assim, “saber e instrução impunham-se, para que cada indivíduo aprendesse a pensar, e enxergar com olhos instruídos seus parceiros e entendesse perfeitamente que, através da união de todos, solidários e informados, teriam condições de exigir e ver implantadas formas justas de vida” (VARGAS, 2012, 362).

Com a publicação desse diálogo ele defendia a necessidade dos trabalhadores de se associarem e estarem vinculados as associações, nesse caso à Liga Operária de Pelotas, demonstrando que a participação de todos é muito bem vinda - não apenas daqueles que estão diretamente orientando os colegas - e criticava a verticalização do poder que tem no cargo de chefe uma de suas representações. Essa preocupação com o fortalecimento de grupo é observada por Edgar Rodrigues quando disserta sobre as bases orgânicas do anarquismo na contemporaneidade, trata de uma das essências do anarquismo, que já se mostrava vigente naquela época:

Para se entender, tornar suas ideias conhecidas, aceitas e/ou resistentes ao tempo e às repressões políticas e ditatoriais, o anarquista precisa formar grupos por afinidades. Ligá-los diariamente uns aos outros por federações locais,

regionais e nacionais.

Cada grupo individualmente, associado a outros e/ou em nível de federações, não pode descuidar a propaganda do Anarquismo pela palavra, pelo jornal, o panfleto, a revista, o folheto, o livro, o rádio, a televisão, o teatro, o cinema e outros veículos de divulgação que possa lançar mão (RODRIGUES, 1992b, p. 20-21).

A importância de olharmos para as criações literárias e culturais anarquistas, do início do século XX, se dá pela riqueza de informações que podemos apreender dessas produções, e obter um panorama da forma de organização e luta dos trabalhadores deste período. Logo, os periódicos que trazem esses aspectos fornecem uma fonte indispensável para a compreensão da história do movimento operário no Brasil. O diálogo Palavras Simples permite perceber um dos exemplos do modo como o operário Santos Barbosa utilizou a Coluna Operária, do jornal O Rebate, para propagar o ideal anarquista, escrevendo pedagogicamente um texto no formato de diálogo para alcançar mais facilmente o público leitor. Por sua simplicidade de palavras e seu caráter de conversa, o diálogo faz com que seja possível a identificação entre a obra e o leitor e, dessa forma, traz para o debate, naquele momento, conceitos considerados fundamentais de serem absorvidos pelos os operários na luta por uma mudança social através do anarquismo.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Santos. **Palavras Simples**. O Rebate. Pelotas, ano 2, n.81, p. 1, nov.,1915.

BRAVO, Gian Majuo. Anarquismo. In: BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 23-29.

COLLAÇO, Vera. As intencionalidades didáticas do teatro para o trabalhador. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GRUPO Dramático Cultura Social. **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, ano 6, n. 38, p. 1, set., 1913.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização Operária em Pelotas: 1888-1937**. Tese de doutorado em sociologia da

UFRGS, Porto Alegre, cópia xerografada, 1999.

PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. In: LOPES, José Sérgio Leite. **Cultura & Identidade Operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, s/d.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). IN: GRIJÓ, Luíz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários**. Ideias e experiências anárquicas. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **O Anarquismo na escola, no teatro, na poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992a.

_____. **Quem tem medo do anarquismo?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1992b.

_____. **Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1995.

SEGATTO, José Antonio. **A formação da classe operária no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

VARGAS, Maria Thereza. O Teatro Anarquista. In: FARIA, João Roberto (dir.). **História do Teatro Brasileiro**: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC SP, 2012.

Abstract: This article analyzes the text Simple Words, dialogue written by the worker Santos Barbosa and published at Worker Column, a part of the Pelotas' journal named The Refute, in 1915. Santos Barbosa had a intense participation in the worker setting, militating actively in associations, making trips to mobilize workers and working as a lecturer and playwright at Theatrical Group Social Culture, at Workers League of Pelotas, writing several texts to be used in workers festivals. The dialogue Simple Words is a conversation between two workers about the workers' associations, especially the Workers League of Pelotas, bringing issues such as class organization, policy, laws, anarchism, work and social revolution. All these issues were so much discussed at that moment and they are a part of the history of the worker's struggle for their rights. For this analysis will be used bibliographies pertaining to this historic moment, as well as information about the workers' movement, obtained through surveys in local newspapers.

Keywords: Theater, Playwriting, Workers Anarchis
